

Vinte años

P E D R O T O R R E S L O B O

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020



I

A SEPARAÇÃO





1

1º de dezembro de 1998.

05h50min.

A enfermeira entrega a Luana o seu bebê.

A mãe aconchega a criança junto ao peito. Suada, fios de cabelo grudados na testa. Pede à enfermeira que abra a janela. Um olhar desconfiado de hesitação. O quarto resplandece à luz da manhã. A criança movimentava-se. O olhar perdido, sonolento. Luana chora. Parece-lhe que o bebê, no confuso desabrochar da vida, fita-a, consciente. Identifica-a. Uma brisa invade o quarto. A cortina esvoaça. Luana deseja que o momento não tenha fim. O desejo é sentido, contundente, uma angústia pulsante que lhe aperta o peito. Esmagamento crescente. Os segundos e os minutos passam. Avanço inexorável. Tropa de ataque que, em marcha incessante, se aproxima da cidade já sitiada.

A iminência da separação.

Uma decisão foi tomada.

A criança aperta os olhos. Não capta as formas do mundo. Sua embaçada realidade. Nascer: morrer para uma outra vida. Sente o próprio corpo. Mexe-se. Sente confusão. E um calor que a ameniza. Um cheiro, que a tranquiliza. O som conhecido. Nem tudo lhe é estranho. Sugada por um buraco negro, viajando em alta velocidade, um túnel. A decisão foi tomada. É a voz que lhe diz baixinho. Um sussurro. Som que só a sua alma consegue captar. É aqui que você precisa estar. Vai e volta pelo túnel, ora escuro, ora mergulhado em vivas cores, sólido e líquido. Abre mais os olhos. Em meio à branca luz do ambiente, uma forma, a fonte do calor, do cheiro, do som. O olhar se perde. Rodopia. O pulsar desse peito. A mesma palpitação, som que ribombava, ininterrupto, durante os nove meses de hibernação no líquido quente e protetor. Um coma prazeroso. Um presente da vida. Um intervalo – não o começo – de descanso: peregrino que se deita à sombra da árvore e que dorme, preparando-se para a longa jornada. Mas aí está, a angustiante energia, que era amiúde despejada no seu líquido ambiente, seu ar. Veneno que sufoca. Debatia-se quando lhe vinha aquela onda. Remexia-se. Queria se afastar. A cada movimento, contudo, mais ela se espalhava. Tomava conta de todo o seu entorno. O sentimento que sua mãe sentia era o mesmo de que padecia, numa reprodução automática, talvez necessária e natural.

A decisão foi tomada. É aqui que você precisa estar, é aqui... a voz some. Despede-se. Faz o caminho inverso do túnel.

A enfermeira acompanha a cena.

Antes do parto, já sabia do que aconteceria. A mulher que paria não seria a mãe da criança que nascia. Luana, prostituta. Foram à Lei. O juiz determinara que ela não ficasse com a filha. O bebê já era de um casal adotante. Durante o parto, a enfermeira laborou com inadvertida e distante frieza. A sua atuação foi-lhe estranhamente mecânica. Aflorou-lhe alguma inominável emoção apenas quando o bebê finalmente romperia a barreira de carne que o unia à mãe indigna, libertado de um peso que não lhe era devido, um mero acaso da vida. Ocorre que, por um gesto automático, ato reflexo do seu ofício, a enfermeira entregou o bebê ao colo materno. Depositara-o nos braços de Luana e foi logo tomada por um pronto arrependimento. Cometera um erro. Não era isso que deveria ter feito. Sabia que a ordem judicial era de que, estando em condições, a criança fosse entregue aos pais adotantes.

A enfermeira vê a cena. Luana e o bebê no colo. Ela sorri. Mas chora. A criança, com o olhar perdido, os olhos quase fechados, remexe-se no início. Luana a aproxima mais de si. A criança gira a cabeça em reconhecimento do ambiente. Num átimo, cruza o seu olhar com o olhar da mãe. E para. Identifica a sua fonte carnal, a sua árvore, sua raiz. A enfermeira nalgum nível o percebe. E tudo o que em si estava preconcebido deságua, esparramando-se pelo chão branco do quarto, agora aquecido pelo sol que invade

o ambiente. A vida mostra-se a ela em sua inteireza, em sua grandiosidade inalcançável pela linguagem. Sua mente cala-se. Ela se cala. E apenas olha.

Na sala contígua, o médico está na sua cadeira de trabalho. O exaurimento toma-lhe conta da mente e do corpo. Recorda o dia do nascimento do filho, quando viu aquele pequeno ente – que existia, que era –, sendo-lhe entregue, como se houvesse uma premência vital para a criança o contato com o pai que a gerara. Ao vê-lo e ao segurar o peso da sua existência, não o conheceu, reconheceu-o: sentiu que o seu filho não lhe era um desconhecido. Era uma parte de si, desgarrada do seu ser, uma realidade individual que, como uma célula que se duplica e se divide, carrega no seu interior um pouco dele próprio. Era e não era sua entranha. Era seu corpo, e não era o seu corpo. Era o seu cérebro, mas não, não era o seu pensamento, o seu sentimento, a sua emoção, a sua consciência. Aquela criança que se alojava em seu peito não se resumia àqueles pés e mãos pequeninos, àquele ínfimo tronco, àquele cérebro em formação. Ela era mais do que tudo isso. Tratava-se de um outro alguém este que se lhe punham nos braços, de quem jamais abriria mão, e por quem era capaz de mudar o seu próprio ser, a sua própria história. A recordação choca-se com o parto que acabara de fazer. Pensa na mãe e na criança, separadas à força. Imagina o que a criança diria se lhe fosse dado dizer algo. Junta os dedos das duas mãos em frente ao rosto, formando um triângulo. Papai está pensando, diria seu filho. Papai está triste. Papai sente-se sugado, responderia ele, apenas em pensamento. A sala está parcialmente escura. A persiana, fechada. Apenas

 pedrotorreslobo@hotmail.com

 [pedro.lobo.395](#)

Este livro foi composto em Bembo Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em fevereiro de 2020.
